

***CONTRADIÇÕES: FAMÍLIA, ESCOLA, ADOLESCÊNCIA E  
SEXUALIDADE***

**CONTRADICTIONS: FAMILY, SCHOOL, ADOLESCENCE  
AND SEXUALITY**

Lainara Pereira da Silva, Eleusa Gallo Rosenberg

**RESUMO**

Nesta pesquisa, realiza-se uma análise da educação para sexualidade de maneira a propiciar reflexões frente a esta temática no universo escolar objetivando avaliar os olhares de educadoras, mães e adolescentes sobre a sexualidade, formas de abordar e dificuldades suscitadas quando se fala sobre sexualidade. A presente pesquisa é de cunho quali-quantitativo. Os dados foram adquiridos por meio de pesquisa de campo junto a uma escola pública, com alunas e alunos do nono ano do ensino fundamental II de uma cidade do interior de Minas Gerais com 2.676 habitantes. Foi utilizado um questionário específico para educadoras, mães e adolescentes, com perguntas fechadas e abertas. Os sujeitos foram 8 professoras, 4 mães e 10 adolescentes. Encontrou-se como resultado de que todos (as) avaliam que é importante trabalhar a temática com adolescentes. As formas escolhidas para trabalhar a sexualidade foram palestras e vídeos educativos. As dificuldades sinalizadas nos professores (as) foram a inexistência de formação sobre a temática. Nos pais e mães foi à falta de intimidade, vergonha e ausência de conhecimento. Como considerações finais percebe-se que é um assunto importante que requer que barreiras sejam ultrapassadas para se resolverem os desencontros levantados, entre a importância e a impossibilidade de falar o tema.

**Palavras-chave:** Adolescência e sexualidade. Família. Educadores (as).

**ABSTRACT**

In this research, an analysis of sexuality education is carried out in order to provide reflections on this theme in the school universe, aiming to evaluate the views of educators, mothers and adolescents on sexuality, ways of approach and difficulties raised when talking about sexuality. The present research is qualitative and quantitative. Data were acquired through field research at a public school, with students and students of the ninth grade of primary education II of a city in the interior of Minas Gerais with 2,676 inhabitants. A specific questionnaire was used for

educators, mothers and adolescents, with closed and open questions. The subjects were 8 teachers, 4 mothers and 10 adolescents. It was found as a result of everyone's assessment that it is important to work with adolescents. The forms chosen to work on sexuality were lectures and educational videos. The difficulties identified in the teachers were the lack of training on the subject. In parents it was the lack of intimacy, shame and lack of knowledge. As final considerations it is perceived that it is an important subject that requires that barriers be overcome to resolve the contradictions raised, between the importance and the impossibility to speak the theme

**Key-words:** Adolescence and sexuality. Family. Educators

### **Introdução**

A sexualidade está presente em todo o desenvolvimento físico e psicológico dos indivíduos. Manifestando-se desde o nascimento até o momento de falecimento. Por isso, a sexualidade vai além do ato sexual nos aspectos da genitalidade. Para além dos genitais compreende e inter-relacionam a fisiologia da sexualidade e da reprodução, o campo simbólico e subjetivo, incluindo papéis sexuais, identidade de gênero, orientação afetivo-sexual, crenças, mitos, tabus, valores e comportamentos frente ao universo público e particular de cada um e da sociedade. Incorporando ainda, os contextos: histórico, político, cultural, moral, religioso, afetivo e social de cada momento histórico que vive a humanidade.

Por se tratar de um tema de extrema significância na vida dos indivíduos, quer pelos seus aspectos de potencialidade, tais como descobertas, mudanças fisiológicas, maternidade e paternidade, direitos sexuais e reprodutivos, prazer, quer pelos aspectos de vulnerabilidade e fragilidade, como violência sexual, infecções sexualmente transmissíveis, gravidez não planejada e/ou indesejada, anorgasmia, nota-se que este assunto é pouco estudado ou trabalhado com a população, principalmente no que diz a respeito às práticas educativas voltadas para sexualidade de adolescentes no ambiente escolar, pois esta é uma temática associada a preconceitos, crenças e tabus.

Contudo, é fundamental que educadoras e educadores adquiram mais conhecimentos acerca do tema, a fim de ajudar alunas e alunos que não possuem informações coerentes e adequadas frente às angústias inerentes ao processo de conhecer a própria sexualidade e a do outro, respondendo às incertezas de forma

esclarecedora, respeitando a opinião de cada educando (a) e auxiliando no processo da informação transformar-se em formação.

Educadora ou educador que não foi preparado academicamente ou em teve formação em serviço e que tenha dificuldade em correlacionar a sexualidade com as diversas facetas da vida humana, que não se restringe somente aos aspectos biológicos e fisiológicos poderá transpor valores, crenças e opiniões como verdades absolutas, não permitindo às alunas e alunos a autonomia para desenvolver seu posicionamento referente ao assunto.

Os pais, mães ou outros responsáveis que, de modo geral, foram educados por famílias que nunca ou pouco falaram sobre sexualidade se veem na atualidade confrontados com a temática sexualidade imbricadas na criação de seus filhos e filhas e na escola dos mesmos.

Esta pesquisa fez um recorte na esfera da sexualidade, ocupando-se em ouvir alunos e alunas e seus pais, mães e professoras sobre como cada um percebe a educação para a sexualidade na adolescência.

### **Relação da família com seus (suas) adolescentes e a sexualidade**

A família corresponde a um grupo social que tem uma grande influência sobre a vida da população, sendo vista como uma instituição de relações, onde o indivíduo aprende o significado de amar e ser amado (BIASOLI-ALVES, 2004).

Nesse caso, pode-se dizer que a instituição familiar é responsável pelo processo de socializar crianças e adolescentes. (SCHENKER, MINAYO, 2003).

Além do mais, sem dúvida a família constrói um papel significativo na vida dos indivíduos, pois se torna um referencial ou um padrão para os membros que a constituem. Os arranjos familiares apresentam-se de formas variadas diante das sociedades em épocas históricas distintas. Vem sofrendo alterações com o passar do processo histórico-social. Sendo assim, a base familiar está diretamente relacionada com o processo histórico que percorre a sociedade em que está inserida, já que os diferentes rearranjos familiares sofrem influências de um conjunto significativo de variáveis como: ambientais, históricas, sociais, culturais, econômicas, políticas e

religiosas.

As mudanças ocorridas nas relações no convívio familiar e nos valores proporcionaram uma série de situações conflituosas na relação familiar, mais precisamente entre mães, pais e filhas e filhos. Há alguns anos atrás, comportamentos como a utilização da força física na educação do indivíduo, mas hoje em dia são criticados e proibidos pelos direitos constitucionais (CECCONELLO, DE ANTONI, KOLLER, 2003).

Em contrapartida, ocorreram mudanças significativas no ambiente familiar, especialmente no Brasil, no final dos anos 90. Houve novos arranjos familiares, incluindo não só os laços consanguíneos e também surgiram novos valores com relação ao casamento, virgindade e com o dia-a-dia das famílias brasileiras. (SCAVONE, 2001)

Com isso, apesar de tais mudanças, a família ainda cumpre uma função específica que exerce na sociedade e continua a ser uma instituição importante e de grande reconhecimento, uma vez que é fundamental para o amadurecimento do desenvolvimento de todos os seus membros que redundam nos cuidados biopsicossociais dos indivíduos.

Entre as variáveis relacionadas à família sobre o desenvolvimento psicossocial de adolescentes estão os estilos parentais. Estilos parentais podem ser entendidos como os diversos padrões de como os pais administram os aspectos de poder e de apoio emocional na relação com filhas e filhos. (RINHEL-SILVA, CONSTANTINO, RONDINI, 2012)

Uma grande parte de pais, mães ou outros responsáveis apresentam um estilo parental frente à sexualidade onde acham vergonhoso conversar sobre sexualidade com seus filhos e filhas, ora pela educação repressora sexual recebida de seus genitores (as), ora pela inibição ou por não saberem como abordar o tema. Assim, filhas e filhos na maioria das vezes, ficam sem respostas para suas dúvidas e inquietações, obtendo informações incorretas que podem acarretar conflitos ou uma vivência sexual com percalços que poderiam ser evitados, tais como: anorgasmia; gravidez indesejada e/não planejada; infecção sexualmente transmissível – inclusive HIV/Aids; violência sexual; violência de gênero e o não respeito ao tempo de cada um frente a sexualidade

### **Relação da escola com sexualidade e adolescência.**

À sexualidade historicamente, desde a era antiga e muito reforçada na idade média, vem sendo associada a coisas feias e impróprias. Apesar da revolução sexual, da globalização e dos meios de socialização terem suscitado mudanças de atitudes morais e éticas em relação às questões ligadas a sexualidade, esse assunto ainda assim continua envolto em tabus, crendices, preconceitos e desinformações.

A partir da maturidade sexual os indivíduos iniciam seu crescimento, tanto fisicamente, intelectualmente e emocionalmente com relação à sexualidade. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e Organização Pan-americana de Saúde (OPS) a adolescência se constitui num processo biopsicosocial, tendo como fator inicial as mudanças orgânicas e finalizando quando o adolescente consegue sua independência financeira e familiar abrangendo a pré-adolescência entre 10 e 14 anos e a adolescência dos 15 aos 19 anos (DAVIM, 2009). Correlacionando a maturidade sexual e o período escolar, percebe-se que o início da amadurecimento sexual coincide com o período escolar do fim do ensino fundamental I e início do fundamental II. Para aqueles adolescentes que estão inseridos na escola os corpos vão mudando ano a ano e não só as mudanças físicas podem ser notadas, mas também as expressões individuais e grupais em torno da sexualidade. A escola é um espaço inegável e cotidiano da expressão da sexualidade.

Depois do ambiente familiar é a escola que irá ampliar a educação dada pela família a partir de uma ótica mais complexa, com aporte teórico da educação formal e conteúdos definidos pelo Ministério da Educação. Ao circunscrevermos a sexualidade e o processo de escolarização pode-se indagar qual é o papel da escola frente ao tema da sexualidade? Não é que a escola vai substituir o lugar da família, mas cabe a ela oferecer aprendizagens da evolução científica em torno do tema, além dos aspectos éticos e sociais envolvidos, já que essa instituição visa o crescimento do sujeito como um todo. (BARBOSA, 2004). Além disso, espera-se que a escola propicie reflexões no âmbito da sexualidade para que os (as) próprios (as) adolescentes empoderem-se frente a este tema. “A escola, ao definir o trabalho com Orientação Sexual como uma de suas competências, o incluirá no seu projeto educativo” .(BRASIL, 1997, p. 287)

Ao trabalhar com a sexualidade, a escola deve ter uma posição clara, conforme

os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 287) “Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Englobam as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista”.

Para que a educação para sexualidade ocorra, torna-se necessário o auxílio de cursos que instrumentalizem educadores e educadoras, pois o assunto é complexo e envolve não só o professor, a professora, o aluno e a aluna, mas também a família e a comunidade escolar. Um bom conhecimento teórico e afetivo é fundamental, para se direcionar a sexualidade num contexto amplo, para ter clareza do horizonte que se deseja, objetivando contemplar a vida, o respeito e a diversidade. Estimulando a aluna e ao aluno a capacidade de tornar-se protagonista da sua história. (COSTA, 2011)

Adolescentes que vivenciam na escola um espaço para compreenderem os aspectos biopsicossociais da sexualidade, à diversidade e as relações de gênero podem obter e vivenciar informações que se transformem em formação, possibilitando empoderá-los para tomarem decisões responsáveis e saudáveis frente à sexualidade, saúde sexual e reprodutiva.

### **O tema sexualidade e as (os) adolescentes**

A adolescência é uma fase fundamental do processo de crescimento e desenvolvimento de qualquer pessoa, e esse crescimento vem sinalizado por modificações físicas e comportamentais influenciadas por fatores socioculturais e familiares e pode ser considerada como um ritual de passagem, entre a transposição da autoimagem e universo infantil para o mundo adulto.

A criança entra nesse mundo da adolescência com muitas dúvidas e inseguranças e é necessário sair dela com sua maturidade estabilizada, com caráter e personalidades adultos. “A consequência final da adolescência seria um conhecimento de si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicossocial de cada ser nesse momento de vida” (ABERASTURY E KNOBEL, 1989, p. 30).

Muito se fala sobre a adolescência como fase de muita vulnerabilidade frente à gravidez não desejada e/ou planejada, as infecções sexualmente transmissíveis e a violência sexual e de gênero. Mas pouco se garantem espaços oficiais na escola para o debate sobre as angústias e dúvidas sobre a sexualidade nesta fase do desenvolvimento que estão vivenciando.

Torna-se necessário dar voz aos (as) próprios (as) adolescentes, educadoras e mães para que falem sobre o que pensam e desejam sobre a temática da sexualidade na escola, portanto, o objetivo deste estudo foi conhecer o que pensam professores (as), mães, pais e adolescentes sobre educação para sexualidade.

## **MATERIAL E MÉTODO**

### **Participantes**

Na cidade do interior de Minas Gérias, onde foi realizada a pesquisa, só existe uma única escola pública que oferece o nono ano do Ensino Fundamental. Inicialmente foram convidados a participar da pesquisa 29 adolescentes e suas respectivas famílias e todas as oito educadoras que atuam no nono ano. Os sujeitos da pesquisa que participaram da pesquisa foram as oito educadoras com idade média de 41 anos, todas do sexo feminino; quatro mães de adolescentes participantes da pesquisa, com a média de idade de 40 anos e dez adolescentes com média de 14 anos, sendo cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino.

### **Instrumentos**

Foram enviados para as educadoras, pais e mães termos de consentimento livre e esclarecido e a participação dos mesmos ou dos (das) adolescentes era necessário a assinatura do termo. Os adolescentes entregaram o termo devidamente assinado pelos pais ou mães, autorizando sua participação.

.Para a coleta de dados foi empregado um questionário estruturado - elaborado pelas pesquisadoras - diferente para cada um dos três públicos pesquisados, a saber: professores (as), mães e adolescentes. Para as professoras o questionário continha 7 perguntas sobre compreensão do tema da educação para a sexualidade a ser abordado

na escola e as dificuldades enfrentadas na sala de aula.

Para as mães o questionário continha 6 perguntas sobre o tema sexualidade imbricado com a abordagem na escola e as dificuldades enfrentadas no âmbito familiar.

Para os (as) adolescentes foram elaboradas 6 perguntas, abordando se achavam importante ou não a discussão a temática da sexualidade na escola; se gostariam que a escola ofertasse informações sobre sexualidade.

### **Procedimentos de coleta**

A pesquisadora entrou em contato com a diretora da escola, explicando a proposta das entrevistas com os públicos alvos, que são os professores que realizam aulas com adolescentes do 9º ano e com os responsáveis dos alunos (pais e mães).

As educadoras e as mães dos (as) adolescentes assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, afirmando seu interesse em participar deste estudo. Os Termos de Compromisso Livre e Esclarecido para a autorização dos (as) adolescentes foram entregues a cada responsável, em 29 envelopes lacrados que correspondia ao número de adolescentes que estavam matriculados no 9º ano e entregues na escola pelos (as) próprios (as) alunos (as).

Foram oferecidos às mães duas opções de dias e horários para se encontrarem com a pesquisadora na escola, onde foi reservada pela coordenação uma sala de aula.

Também foi agendado o dia e horário que seria aplicado o questionário na sala de aula dos adolescentes, o questionário foi aplicado em uma sala de aula reservada pela coordenação da escola, só após recolher as autorizações dos pais dos adolescentes que foi efetuado a entrega dos questionários.

Para as professoras foram entregues o questionário e marcada a data para a devolução.

### **Análise dos dados**

Para o tratamento dos dados qualitativos será realizada a leitura exaustiva do material e serão analisados a partir das respostas encontradas, que serão transcritas em sua íntegra e aglutinadas em categorias segundo análise do conteúdo (BARDIN, 1977).

Esta pesquisa trabalha com estrutura conceitual de estudos já desenvolvidos sobre a temática em questão, portanto as noções envolvidas tais como: adolescência, educação para sexualidade, escola e família são conceitos elaborados através de estudos já produzidos. Sendo assim, empregaremos a abordagem metodológica quantitativa e qualitativa em pesquisa, sem assumir um referencial teórico único como perspectiva de desenvolvimento da análise dos dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Professoras

Todas as professoras que ministram aulas para o nono ano do ensino fundamental II responderam ao questionário. Ao serem questionadas sobre abordar os temas ligados à sexualidade com alunas e alunos todas as entrevistadas concordaram com a necessidade e assinalaram os temas na avaliação das mesmas que deveriam ser trabalhados.

Quadro 1: Temas a serem trabalhados na escola sobre sexualidade na perspectiva das professoras.

Quantidade de opções assinaladas	Questão assinalada
4	Autoestima e sexualidade.
4	Gravidez na adolescência
4	Métodos contraceptivos
4	Mudanças fisiológicas ligadas a sexualidade
4	Infecção sexualmente transmissíveis – IST/HIV/Aids
4	Violência sexual
4	Diversidade sexual
2	Namorar e ficar
0	1ª relação sexual
0	Outros

Fonte: quadro elaborado pelas pesquisadoras

Sobre os temas a serem trabalhados percebe-se que nenhum deles é de consenso de todas as oito entrevistas. A maior frequência assinalada de temas foi quatro. O que demonstra diferenças significativas entre as professoras quanto aos temas

necessários a serem trabalhados.

Nos parâmetros curriculares nacionais, da educação para sexualidade esperam-se que ao final ensino fundamental as alunas e alunos “sejam capazes de: •respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano; • compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana; •conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual; • identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos; •reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas; •identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro; • reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir prazer numa relação a dois; •proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores; • agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/Aids; 312 •conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids; • evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos; • consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade. (BRASIL, 1997, P. 310-311).

Portanto, o resultado encontrado nesta questão indica a ausência de formação acadêmica ou em serviço com relação à sexualidade na adolescência, pois todos os itens são importantes para a compreensão e avanços da temática dessa população vulnerável e extremamente curiosa sobre sexualidade.

Quadro 2: Formas como os temas de sexualidade devem ser abordados na perspectiva das professoras.

Quantidade de opções assinaladas	Questão assinalada
8	Palestras
2	Trabalhos de pesquisa
4	Vídeos educativos
4	Aulas
4	Trabalhos apresentados por alunas e alunos
1 – outros	Mesa redonda com especialistas juntamente para pais, mães, filhos e filhas
0	Feiras
0	Outros

Fonte: quadro elaborado pelas pesquisadoras

Com relação às formas a serem trabalhadas é de consenso de todas as entrevistadas que seja trabalhada a educação para sexualidade através de palestras, 50% assinala que também sejam utilizados vídeos educativos e uma entrevistada sugere uma mesa redonda para pais, mães e adolescentes. Fica evidente neste quadro o desejo destas professoras que o tema seja trabalhado por pessoas de fora da escola, profissionais que detenham conhecimento e didática específicos para abordarem a sexualidade com adolescentes. Essa questão demonstra o despreparo para abordar esse tema, pois as mesmas não receberam formação específica durante a graduação nem durante o exercício profissional.

Metade das entrevistadas assinalou a alternativa de que a sexualidade poderia ser trabalhada em sala de aula, ressalta-se que ao assinalarem essa opção, o instrumento não deixou claro se as mesmas assumiriam a atividade de dar aulas sobre sexualidade ou se convidariam especialistas para este fim, mas a atitude em ministrar o conteúdo é muito interessante e importante, pois o (a) educador (a) das disciplinas curriculares é o (a) profissional que está com estas (es) adolescentes há anos e em todo o ano letivo. São pessoas que conhecem a turma e tem para com elas certo grau de intimidade. Como didática utilizariam trabalhos de pesquisa e trabalhos apresentados por alunos e alunas. De forma coerente com o protagonismo juvenil, onde os (as) adolescentes entram em contato com informações e produzem conhecimento para discutirem com seus pares.

### Questões abertas

Ao perguntar sobre as dificuldades que as (os) professoras (es) acham que as mães e pais têm ao tratar o tema sexualidade com os filhos e filhas. As professoras colocaram como a principal dificuldade dos pais e mães, a falta de diálogo, ausência de intimidade, preconceito, falta de informação e dificuldade em explicar.

*“.. a questão de vergonha, do tabu.” (Feminino, 27 anos)*

Sobre as dificuldades dos professores e professoras em falar sobre sexualidade, as pesquisadas apontam falta de treinamento e preparação, deixando-as retraídas para falar sobre sexualidade na sala de aula e também por medo de alguma retaliação dos pais e mães dos alunos e alunas. Infere-se que as políticas públicas que se destinam a educação para sexualidade de adolescentes ainda permanecem desconcontextualizadas, com ausência de instrumentais para saírem da teoria e desconhecidas dos profissionais da educação. (VIEIRA, MATSUKURA, VIEIRA, 2017).

*“Sim, através de treinamentos poderíamos falar com mais segurança e sem constrangimentos.”*

*(Feminino, 45 anos)*

*“A preocupação em interferir em um assunto que é função da família e que muitas vezes acaba prejudicando a escola ao falar do assunto.” (Feminino, 45 anos)*

### Família

Quadro 3: temas a serem trabalhados na escola sobre sexualidade na perspectiva de familiares.

Quantidade de opções assinaladas	Questão assinalada
1	Gravidez na adolescência
1	Namorar e ficar
2	Mudanças fisiológicas ligadas a sexualidade.
2	Infecção sexualmente transmissíveis – IST/HIV/Aids
2	Métodos contraceptivos
2	Autoestima e sexualidade.
0	1ª relação sexual.
0	Violência sexual
0	Outros

Fonte: quadro elaborado pelas pesquisadoras

Das 29 famílias convidadas a participar da pesquisa, somente 10 autorizaram os filhos e filhas a responderem ao questionário, enviando o termo de consentimento assinado e o mais intrigante ainda é que somente 4 mães se dispuseram a responder o questionário. Essas 4 representantes dos familiares são mães. Fato que reforça que os cuidados com o processo de escolarização dos filhos e filhas é materno. Também não encontramos consenso entre as quatro mães que foram entrevistadas.

A preocupação de metade das mães pesquisadas reside com as mudanças fisiológicas ligadas a sexualidade, infecções sexualmente transmissíveis – IST/HIV/Aids, métodos contraceptivos e autoestima, 10% sugerem os temas gravidez na adolescência, namorar e ficar. Nenhuma mãe assinalou os temas da primeira relação sexual e violência sexual.

Pergunta-se se o tema da primeira relação sexual poderia induzir o início da atividade sexual? Só é permitido falar das consequências negativas das relações sexuais: infecções sexualmente transmissíveis – IST/HIV/Aids e gravidez não desejada/planejada para que os (as) adolescentes tenham medo da sexualidade?

Não falar da violência sexual pode indicar o desconhecimento que esta violência ocorre muito mais no ambiente doméstico do que no espaço público.

Quadro 4: Formas como os temas de sexualidade devem ser abordados na perspectiva de familiares.

<b>Quantidade de opções assinaladas</b>	<b>Questão assinalada</b>
4	Palestras
2	Aula
2	Trabalhos de pesquisa
2	Vídeos educativos
0	Trabalhos apresentados por alunos e alunas
0	Feiras
0	Outros

Fonte: quadro elaborado pelas pesquisadoras

As mães pesquisadas apresentam o consenso de que palestras é a melhor forma de trabalhar o tema da educação para sexualidade. Pergunta-se sobre as mães terem assinalado o item palestra, implica em afirmarem a necessidade de especialistas em

sexualidade humana para palestrarem para suas filhas e filhos, ao mesmo tempo em que não conferem autoridade as docentes para trabalharem com a educação para sexualidade.

Nenhuma mãe assinalou que os trabalhos sejam apresentados pelos alunos e alunas. Seria um descrédito na capacidade de seus filhos e filhas ou uma defesa? Pois, geralmente ocorre uma sobrecarrega para mães e pais para auxiliarem na realização das tarefas extraclasse.

### **Questões abertas**

Com relação ao aconselhamento e dificuldades vividas pelas mães e ao diálogo entre mães e filhos (as) frente ao tema sexualidade, uma mãe revelou quase nunca conversa sobre o tema sexualidade com seu filho e filha, apesar de avaliar que um assunto de alta responsabilidade.

*“Hoje em dia está muito difícil, por que temos que dar muitos conselhos para nossos filhos, principalmente na adolescência que é a fase mais complicada.”*

*(Feminino, 46 anos)*

Em contrapartida, uma mãe disse que conversam abertamente sobre o tema com os filhos, apesar de encontrar diversas dificuldades em falar.

*“Como mãe não é nada fácil falar sobre isso, por que na minha época os pais não conversariam.” (Feminino, 36 anos)*

Três mães revelaram não saber como agir diante das demonstrações de sexualidade pelos (as) adolescentes e ressaltaram ficar com vergonha quando comentam esse assunto com suas filhas e filhos.

Entres as formas de fornecer informações na escola, percebeu-se que a maioria das mães preferem que esse assunto seja abordado na escola através de palestras, vídeos, aulas e trabalhos de pesquisa.

As mães veem necessidade de ter palestras e orientações sobre o tema, porém elas afirmaram que os próprios filhos e filhas não respeitam as professoras, pois levam esse assunto muito na brincadeira.

*“Às vezes os professores encontram dificuldades por que os alunos levam na pura brincadeira, não levando a sério.” (Feminino, 37 anos)*

Diante das falas das mães com a questão sobre as dificuldades que as professoras enfrentam na sala de aula quando é abordado o assunto sexualidade, a maioria das mães dizem que é por falta de informação das próprias educadoras.

*“No meu ponto de vista, seria falta de informações corretas, didaticamente falando. Penso também que antes de serem professores, são pais e mães e com certeza passam pelas mesmas dificuldades em casa.” (Feminino, 41 anos)*

Mães e pais que tentaram abordar o tema revelaram a dificuldade de passar o conteúdo referente à temática para os adolescentes. Nota-se que valorizam questões como, a prevenção de doenças e entendem de que essa fase é um período onde as (os) adolescentes deveriam possuir respeito, maturidade, crescimento e responsabilidade.

*“Uma grande importância, respeito, responsabilidade e no jeito em que falamos.”*

*(Feminino, 37 anos)*

*“Para mim significa uma coisa muito importante para todos, por que acontecem muitas coisas de doenças, pois é muito difícil, temos que procurar todos*

*os métodos para evitar.” (Feminino, 46 anos)*

### **Adolescentes:**

Na 1ª questão investigou-se se as (os) adolescentes gostariam que fosse abordado o tema sexualidade na escola. Todos os 10 adolescentes consideraram importantes tratar o tema sexualidade na escola. Ao serem indagados sobre os temas de sexualidade que gostariam que fosse trabalhado na escola, obtivemos os seguintes dados:

Quadro 5: temas a serem trabalhados na escola sobre sexualidade na perspectiva de adolescentes

Quantidade de opções assinaladas	Questão assinalada
6	Gravidez na adolescência
5	Namorar e ficar
5	Infecção sexualmente transmissíveis – IST/HIV/Aids,
5	Mudanças fisiológicas ligadas a sexualidade.
4	1ª relação sexual
4	Violência sexual.
3	Diversidade sexual
2	Métodos contraceptivos
1	Autoestima e sexualidade
0	Outros

Fonte: quadro elaborado pelas pesquisadoras

Todos os temas foram assinalados pelo menos uma vez pelas (os) adolescentes pesquisadas (os). O tema mais requisitado foi gravidez na adolescência, com seis votos e um dos menos votados foram métodos contraceptivos, com dois votos. Interessante pensar que estes dois temas deveriam ter a mesma quantidade de votos, tendo em vista que estão correlacionados. Os (As) adolescentes querem discutir sim a primeira relação sexual e violência sexual, ambas com quatro votos. O item menos votado foi autoestima e sexualidade. Pergunta-se como vivenciar a sexualidade sem compreender a relação intrínseca entre autoestima e as escolhas a serem realizadas na esfera da sexualidade?

Quadro 6: Formas como os temas de sexualidade devem ser abordados na perspectiva de adolescentes

Quantidade de opções assinaladas	Questão assinalada
7	Palestras
6	Aula
4	Trabalhos de pesquisa
3	Vídeos educativos
3	Trabalhos apresentados por alunos e alunas
0	Feiras
0	Outros

Fonte: quadro elaborado pelas pesquisadoras

Com relação à forma de se trabalhar a temática da sexualidade não houve consenso na forma, indicando a diversidade das formas de se passar conteúdo e de recebê-lo. Estas respostas alertam aos educadores e educadoras que precisam variar a didática para trabalhar a sexualidade com seus alunos e alunas.

Quadro 7: Pessoas de quem receberam informações sobre sexualidade

<b>Quantidade de opções assinaladas</b>	<b>Questão assinalada</b>
5	Professores e professoras
2	Mães
2	Pais
2	Mães e pais
2	Internet
2	Livros
2	Televisão
0	Irmãs (ôs)
0	Tios (as)
0	Avós (ôs)
0	Religiosos

Fonte: quadro elaborado pelas pesquisadoras

Dos adolescentes pesquisados 7 já receberam informação de educação para sexualidade. Chama-nos a atenção que a pessoa da qual mais recebeu informações sobre sexualidade foram as (os) educadoras (es). Quatro adolescentes assinalaram que receberam informações sobre sexualidade, numa divisão de gênero as duas adolescentes receberam da mãe e os dois adolescentes conversaram com o pai. Dois adolescentes assinalam que conversaram com a mãe e com o pai.

### **Questões abertas**

Com relação às questões abertas temos que, sobre as dificuldades de falar sobre sexualidade com pais e mães, pode-se pensar que esta falta de diálogo ocorre em virtude de não sentirem abertura com os pais e mães para falarem sobre o assunto, já que em alguns casos sentem vergonha de falarem sobre o tema com os filhos e filhas ou eles próprios também sentem vergonha de perguntarem qualquer coisa sobre o

assunto.

*“Que fica um assunto muito chato para falar livremente.” (Masculino, 14 anos)*

Com relação à dificuldade dos professores e professoras em falar sobre sexualidade destaca-se a separação de matérias curriculares, apesar dos temas transversais nos parâmetros curriculares desde 1997 garantirem a temática da sexualidade como tema legítimo e necessário à escola. Um dos entrevistados coloca a educação para a sexualidade como não sendo de responsabilidade da educação e outro como tema restrito a família.

*“Que foge um pouco da matéria normal.” (Masculino, 14 anos)*

*“Difícil, pois alunos não são filhos e com filhos isso é mais fácil.” (Feminino, 14 anos)*

Ao completar a frase solicitada na pesquisa: falar sobre sexualidade com adolescentes significa... Pode-se perceber que os adolescentes valorizam o tema da sexualidade como algo necessário à vida adulta.

*“Para nós tomarmos cuidado no que estamos fazendo.” (Feminino, 14 anos)*

*“Falar de uma coisa muito vergonhosa” (Masculino, 14 anos)*

*“Se abrir” (Masculino, 14 anos)*

*“Para alguns adolescentes é uma coisa nova na vida deles.” (Masculino, 14 anos) “Muita coisa, por que você vai aprender mais sobre sexualidade, o que pode fazer e o que não pode.”*

*(Masculino, 14 anos)*

*“Muitas coisas, sexo, ter filhos e etc.” (Masculino, 14 anos)*

*“Falar de uma coisa que vai acontecer em sua vida adulta.” (Feminino, 14 anos) “Ensinar coisas que não sabemos.” (Feminino, 14 anos)*

### **Correlações entre mães, professoras, alunas, alunos e sexualidade.**

Quadro 9: comparativo entre a escolha dos temas a serem trabalhados pelas (os) entrevistada (os)

<b>Temas</b>	<b>Professoras</b>	<b>Mães</b>	<b>Adolescentes</b>
Namorar e ficar	2	1	5
1ª relação sexual	4	0	4
Autoestima e sexualidade	4	2	1
Métodos contraceptivos	4	2	2
Gravidez na adolescência	4	1	6
Violência sexual	4	0	4
Infecções sexualmente transmissíveis- IST/HIV/Aids	4	2	5
Mudanças fisiológicas ligadas a sexualidade	4	2	5
Diversidade sexual	4	0	3
Outros	0	0	0

Fonte: quadro elaborado pelas pesquisadoras

Percebe-se que nenhuma das 10 mães quer que sejam trabalhados os temas: 1ª relação sexual, violência sexual e diversidade sexual com seus filhos e filhas, apesar das educadoras e adolescentes sinalizarem que é um tema que se deve ser trabalhado. Assim como uma baixa frequência dos temas namorarem e ficar; gravidez na adolescência assinalada por uma única mãe. Trabalhar estes temas auxiliariam seus filhos e filhas a empoderar-se frente aos direitos sexuais e reprodutivos das (os) adolescentes.

A comunicação escassa entre mães, pais e filhos e filhas, direcionada ao tema da sexualidade, é bastante preocupante, pois pode colaborar para o aumento da vulnerabilidade dos adolescentes na medida em que se perde uma oportunidade privilegiada para informar adequadamente, sobre gravidez não planejada, infecções sexualmente transmissíveis(ISTs)/HIV/Aids e empoderamento do próprio corpo, do prazer, desejo e intimidade

Além do mais, na busca de uma identidade própria, o ser adolescente apoia-se nas primeiras relações afetivas que teve com seus familiares e sabe-se que o nível de educação, a condição socioeconômica, a qualidade da relação familiar, os valores parentais face aos comportamentos sexuais e a comunicação entre mães, pais, filhas e filhos estão entre as características familiares que mais influenciam comportamentos sexuais dos jovens (DIAS, MATOS, GONÇALVES, 2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa mostra que as (os) profissionais da educação muitas vezes não se sentem preparados para trabalhar com o tema sexualidade com os (as) adolescentes, elas relataram a falta de conhecimento e de treinamento. As educadoras pesquisadas ponderam a importância de estudos, treinamentos, palestras, informações e orientações para que possam sentir-se com mais segurança para desenvolver trabalhos com alunos e alunas sobre sexualidade.

Por meio desta pesquisa podemos perceber que o diálogo entre pais, mães, filhas e filhos sobre sexualidade encontra dificuldade quer localizadas nos pais e mães, quer nós próprios adolescentes, respaldadas na vergonha e na ausência de diálogo.

As professoras se fossem capacitadas e tivessem supervisão e espaços para troca de experiência em projetos e ações em educação para sexualidade poderiam aderir à diversos meios de trabalhar a sexualidade em sala de aula.

Esta pesquisa demonstra o desencontro entre as mães e educadoras e adolescentes, todos sinalizam que é importante falar sobre sexualidade, mas as mães e educadoras não se sentem à vontade para falar sobre este tema, pois se sentem despreparadas. Querem que um profissional especializado em sexualidade desenvolva palestras com filhos/filhas/adolescentes, para socorrê-las de tal tarefa. Assim, a família e a escola passam a eximir-se do papel do protagonismo juvenil frente a assumir seu corpo, desejos, interesses, prazeres e escreverem sua própria história de saúde sexual e reprodutiva.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Disponível [https://issuu.com/wesleyhenriquedesouza/docs/adolescencia\\_normal\\_-\\_um\\_enfoque\\_p](https://issuu.com/wesleyhenriquedesouza/docs/adolescencia_normal_-_um_enfoque_p). Acesso em 08 de abril de 2016.

BARBOSA, M. S. S. *O papel da escola: Obstáculos e desafios para uma educação transformadora*. Disponível <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6668/000488093.pdf?...1>. Acesso 09 de março de 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. *Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas*. Apud, Pratta M. & Santos, M. A. *Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05.pdf> Acesso em 08 de maio de 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CECCONELLO, A. M., DE ANTONI, C. KOLLER, S. H. *Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar*. *Psicologia em Estudo*, 8 (nº esp.), 45- 54, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa07>> Acesso em 03 de maio de 2017.

COSTA, L. A. *Sexualidade na adolescência*. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35111/>. Acesso em 01 de junho de 2016.

DAVIM, Rejane Marie Barbosa; GERMANO, Raimunda Medeiros; MENEZES, Rejane Millions Viana; CARLOS, Djailson José Delgado. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida im Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Brasil, vol. 10, núm. 2, abril-junio, 2009, pp. 131-140 Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3240/324027966015.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2017

DIAS, S; MATOS, M. G. GONÇALVES, A. *Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais*. Disponível em:

<<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v25n4/v25n4a08.pdf>> Acesso em 08 de Setembro de 2017.

RINHEL-SILVA. C.C.; CONSTANTINO, E. P. RONDINI, C. A. *Família, adolescência e estilos parentais, 2012* Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n2/a08v29n2.pdf>> Acesso em: 30 de abril de 2017.

SCAVONE, L. (2001). *Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero*. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), 47-60. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/icse/v5n8/04.pdf> Acesso em 28 de agosto de 2017.

SCHENKER, M. & MINAYO, M. C. S. (2003). *A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), 707-717. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232003000100022](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100022)> Acesso em 06 de julho de 2017.

SOUZA, T. S. Apud, ABERASTURY, A. e cols. Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas,(1990). *Adolescência normal*. Disponível [http:// extensao. cecierj. edu. br / material\\_didatico/sau2202/pdf/aula%202\\_leitura\\_ADOLESCENCIA\\_NORMAL.pdf](http://extensao.cecierj.edu.br/material_didatico/sau2202/pdf/aula%202_leitura_ADOLESCENCIA_NORMAL.pdf)Acesso em 04 de maio de 2016.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões; VIEIRA, Camila Mugnai. Políticas públicas e educação sexual: percepções de profissionais da saúde e da educação. Disponível <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2017v14n3p69/34879>. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.14, n.3, p. 69-87 Set.-Dez. 2017. Acesso em 02 de abril de 2018.

### **Autores**

Lainara Pereira da Silva: Estudante de graduação em Psicologia/Estudante da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)/Unidade Ituiutaba, [lainara17@hotmail.com](mailto:lainara17@hotmail.com)

Eleusa Gallo Rosenberg: Doutora, docente da graduação em Psicologia / Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)/Unidade Ituiutaba, [eleusarosenburg@gmail.com](mailto:eleusarosenburg@gmail.com)